

# MATEUS MORENO (1892-1970) E O REGIONALISMO ALGARVIO<sup>(1)</sup>

*A. Paulo Dias Oliveira*

DAH-FCHS-UALG  
SLHI-CHAM-FCSH-UNL/UAC

## *Introdução*

Já lá vão mais de meia dúzia de anos desde a primeira vez que a figura de Mateus Moreno se me deparou pela frente. De facto, tinha sido um encontro meramente fortuito, deu-se ao averiguar o peso que o movimento do Integralismo Lusitano tinha no Algarve. Com efeito, debaixo da rúbrica “Notas Locais” aparecia um texto, no diário integralista da tarde, de Mateus Moreno intitulado “Na capital algarvia”<sup>(2)</sup>, no número seguinte de *A Monarquia* informava-se que o autor era oficial do C.E.P. e um “regionalista inflamado” e, ainda, que era colaborador (por sinal, diretor) de uma Revista intitulada *Alma Nova*.

Esta tinha sido uma primeira indicação que me levaria ao encontro, passado pouco tempo, de uma outra prosa, esta de José Rodrigues Miguéis,

---

1 | Este texto é o resultado duma conferência realizada no X Curso Livre de História do Algarve em 23/7/2013.

2 | Trata-se da descrição da chegada do, então, Alferes à cidade de Faro, completada com uma síntese acerca da cidade de onde era natural. Nesta peça foca-se a Biblioteca sita numa casa imprópria e “onde só entram os morcegos e alguns explicandos do poeta sr. Paiva” e uma derradeira referência aos Museus Infante D. Henrique e Marítimo que se encontram sem qualquer serventia, cf. Mateus Moreno, “Notas Locais: na capital algarvia”, *A Monarquia*, nº 336 de 8/4/1918, p. 2, col. 2-3.

onde Mateus Moreno era a personagem central<sup>(3)</sup>. O escritor lisboeta confessa que o conheceu quando ele morava na Calçada de João do Rio<sup>(4)</sup>, então na patente de tenente, e que foi na *Alma Nova* que se estreou “a sério”. Mais nos informa, que a “*Alma Nova* tinha intuítos modestos, se excluirmos o de salvar a Pátria, mas representou um esforço gráfico digno de nota, embora sem as audácias inovadoras dos órgãos modernistas mais ou menos seus coevos”<sup>(5)</sup>.

Tudo isto me levou a tentar determinar alguns dados sobre o escritor farenses, destes posso partilhar o facto de Mateus Martins Moreno Júnior ter nascido em Faro a 27 de Setembro de 1892. A paixão pela cidade que o viu crescer e pelo Algarve revelaram-se logo na mocidade, através da participação na imprensa e no movimento associativo locais. Presidiu à Academia do Liceu de Faro, onde fez estudos preparatórios. Fundou, em Outubro de 1911, o quinzenário académico *A Mocidade*, sendo da sua lavra a rubrica «Horas líricas», onde publicou muita poesia.

Segundo Guerreiro Murta, o periódico era uma folha semanal dos alunos do 6º ano de Ciências do Liceu de Faro, Graça Mira era o editor comercial, isto é, o administrador financeiro, Mateus Moreno, o diretor artístico e poético e Ascensão Mendonça o vogal com responsabilidade na administração e orientação da folha. A estes se vieram juntar Ascensão Contreiras e José Dias Sancho, tendo a revista se mantido até Abril de 1913<sup>(6)</sup>.

Em finais de 1914, Mateus Moreno veio para Lisboa para frequentar o curso de Matemáticas da Faculdade de Ciências. Terá sido essa a razão da transição da redação, administração e impressão da *Alma Nova* para a capital. Não obstante os deveres académicos, Mateus Moreno manteve uma intensa relação com a realidade algarvia, como dá testemunho a organização do I Congresso Regional do Algarve, a direção da revista, a publicação dos primeiros livros e outras actividades que seria fastidioso enumerar.

Nem mesmo a sua mobilização, em 1917, e ordem de marcha para França, incorporado no C.E.P., como alferes miliciano de artilharia de campanha,

3 | José Rodrigues Miguéis, “Janela com Paisagem”, *O espelho poliédrico*, Lisboa, Editorial Estampa, 1989, pp. 39-43, o título é uma recordação de uma pintura modernista de Carlos Porfírio que decorava a casa de Moreno, onde através de uma janela se vislumbrava “uma risonha paisagem algarvia”, *Idem, Ibidem*, p. 39.

4 | Curiosamente a mesma rua onde Francisco Fernandes Lopes diz ter vivido na sua estadia escolar em Lisboa. Esse mesmo médico que, anos depois, tinha um exemplar de *A Alma Nova* no seu consultório segundo relato do jornalista de *O Correio do Sul*, cf. J. T., “Fernandes Lopes diz coisas interessantes sobre a Tuberculose”, *Correio do Sul*, Faro, ano 9, nº 586, 13/5/1928, p. 2, provavelmente um número desse mesmo ano de 1928.

5 | *Idem, Ibidem*, p. 41. A colaboração literária de Miguéis na *Alma Nova* encontra-se na Série 3, nº 4-6, p. 74 e Série 4, nº 3 e nº 11-12, a colaboração artística na Série 3, nº 4-6, p. 74 e nº 25-27, p. 7, Série 4, nº 3 e Série 5, nº 7, p. 2.

6 | Guerreiro Murta, *Evocações*, Lisboa, Edição do Autor, 1970, p. 35.

conseguiram interromper a atividade como escritor e como diretor da *Alma Nova*. No entanto, não é de excluir que as dificuldades que a revista registou no cumprimento da periodicidade, no final de 1916 e início do ano seguinte, se ficassem a dever, entre outras causas, à ausência de Mateus Moreno.

Sabemos que, também, redigiu e publicou alguns livros sobre o conflito militar e estudos técnicos sobre a sua arma, que foram apreciados pela hierarquia do exército. No que se refere à *Alma Nova* aí foram publicadas 5 cartas com as suas impressões da viagem e da chegada a França<sup>(7)</sup>.

Terminada a guerra, Mateus Moreno optou pela carreira militar frequentando a Escola de Guerra. Também fez o Curso Superior Colonial, em resultado do qual obteve algumas missões em Angola e desempenhou diversos cargos. Atingiu o posto de Major em 1942. Mas a sua ligação ao Algarve e à imprensa local nunca esmoreceu. Manteve-se sempre na Direção da *Alma Nova* e colaborou com muitos periódicos algarvios. Refira-se ainda que foi fundador da Casa do Algarve, em Lisboa, à qual presidiu até 1961. A partir de então foi seu presidente honorário. Mateus Moreno faleceu, em Maio de 1970, com 77 anos de idade.

## A *Alma Nova*

Em relação à *Alma Nova*, registamos o testemunho de um dos seus redatores algarvios:

“não se pode negar a sua poderosa e salutar ação no nosso meio pelas iniciativas que tomou e pelos assuntos abordados. Não se sabe em que medida da [a?] sua propaganda contribui para a exaltação regionalista destes últimos 30 anos (...). Não se sabe se a série de estudos sobre pintores e artistas tiveram muita ou pouca influência no labor incipiente dos jovens. Desconhece-se também até que ponto os seus diversos temas culturais, a sua crítica literária, a vastidão do programa atuaram nos seus leitores. Mas o que não se põe em dúvida é de que à roda dele se juntara valores bem vinculados e que as suas publicações agitaram o espírito da gente moça, gerando um espécie de ressurgimento, acordando vocações, estimulando talentos em embrião (...) E a quem se deve tudo isso? A um homem apenas

7 | Mateus Moreno, “De Portugal à Flandres (cinco cartas da guerra a cinco companheiros de luta)”, *Alma Nova*, Série 2, nº 21-24, pp. 73-79.

esse piloto audaz, animador e vigilante da pequena nau – Mateus Moreno. Foi ao seu trabalho, à sua constância, à sua inteligência, à sua força de vontade, à sua paciência e à sua técnica de publicista que se ficou devendo todo esse movimento, todo esse sopro vivificador, toda essa aurora de promessas, todo esse florir de cultura intelectual portuguesa<sup>(8)</sup>.

Não sendo a *Alma Nova* o objeto desta investigação, ou melhor, só a sendo na medida em que faz uma primeira ponte para o regionalismo e para a realização do I Congresso Algarvio, não queríamos deixar de destacar alguns dos seus muitos colaboradores, convém a saber, Agostinho Júnior (Almancil, 1884 – Faro, 1963), Bernardo de Passos (S. Braz de Alportel, 1876 – Faro, 1930), Carlos Augusto Lyster Franco (Lisboa, 1880 – Faro, 1959), Jaime da Graça Mira (Alte, 1891 – Lisboa, 1965), José Dias Sancho (São Brás de Alportel, 1898 – Faro, 1929), José Guerreiro de Murta (Loulé, 1881 – 1979), Julião Quintinha (Silves, 1885 – Lisboa, 1968), Marcos Algarve (pseud. de Francisco Marques da Luz, 1875-1960), Samora Barros (Albufeira, 1887-1972), entre outros. À direção veio juntar-se, já na 2ª série, A. Bustorff<sup>(9)</sup> e para a direção artística Saavedra Machado<sup>(10)</sup>, colaboraram, ainda, nomes como Ataíde Oliveira (Algoz, 1842 - Loulé, 1915) e José Joaquim Nunes (Portimão,

8 | Guerreiro Murta, *Evocações*, p. 128.

9 | António Júdice Bustorff Silva nasceu em São Tomé e Príncipe, a 3 de Março de 1895. Iniciou o curso de Direito, na Universidade de Coimbra, mas concluiu-o na Universidade de Lisboa. Foi um advogado prestigiado, mercê da sua ligação profissional a grandes empresas (Presidente das Assembleias Gerais da CP, Caminhos de Ferro de Cabinda, Companhia Colonial de Navegação; Administrador da Shell...) e ao desempenho de cargos na magistratura (Tribunal Permanente de Arbitragem de Haia, Vogal da Comissão Permanente de Direito Marítimo Internacional e outras). O seu envolvimento com a *Alma Nova* foi, provavelmente, sustentado pela amizade que o ligava a muitos dos autores literários e artísticos da revista. O seu gosto pela arte e também pela arqueologia fizeram dele um grande colecionador. Foi deputado da Assembleia Nacional em três legislaturas (IV; V e VI); na qualidade de membro da direcção do Grémio dos Bancos e Casas Bancárias foi Procurador à Câmara Corporativa (VIII e XIX Legislatura). Politicamente, é tido por monárquico, mas não parece ter enfrentado dificuldades de maior com a implantação da República. Consta que foi amigo pessoal de Oliveira Salazar. Faleceu no ano de 1979.

10 | João Saavedra Machado nasceu em Lisboa, a 6 de Outubro de 1887. Frequentou o Curso Geral de Desenho da Escola Belas Artes, entre 1899 e 1906. Como artista, cultivou diferentes técnicas, revelando grande versatilidade. Produziu vasta obra para o Museu Etnológico (Belém), onde exerceu as funções de conservador-deseñador, e para o Museu de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa, onde foi preparador-conservador, entre 1920 e 1945. Mas, Saavedra foi também um caricaturista apreciado. Iniciou-se na *Paródia* (1906), de Rafael Bordalo Pinheiro, mas o seu humor está presente em muitas outras publicações, como o *Suplemento Humorístico de O Século* (1908), a *Alma Nova*, a *Semana Ilustrada*, *O Espectro*, *Sempre Fixe*, *Revista Universal Portuguesa*, entre outras. Participou no II Salão dos Humoristas Portugueses (1913). A sua formação como pintor teve por mestres Condeixa e Luciano Freire. Concorreu a muitas das exposições anuais da Sociedade Nacional de Belas Artes, conquistando alguns prémios. A sua formação tradicional ou clássica não condicionaram o seu gosto estético. Manteve-se sempre aberto às propostas das novas gerações, como a *Alma Nova* ilustra. Também cultivou as letras, sobretudo na forma de ensaios e críticas sobre arte.

1859 – Lisboa, 1932).

No campo literário deparamos com Albino Forjaz de Sampaio (Lisboa, 1884 – 1949), Afonso Lopes Vieira (Leiria, 1871 – Lisboa, 1946), Alfredo Pedro Guisado (Lisboa, 1891 – 1975), Alberto Osório de Castro (Coimbra, 1868 – Lisboa, 1946), Amílcar Ramada Curto (Lisboa, 1886 – 1961), António Alves Martins (Viseu, 1894 – 1929), António Ferro (Lisboa, 1895 – 1956), Aquilino Ribeiro (Carregal, 1885 – Lisboa, 1963), Augusto Santa-Rita (Lisboa, 1889 – 1918) Cruz Magalhães (1864-1928), Francisco Xavier Cândido Guerreiro (Alte, 1871 – Lisboa, 1953), Fernando Carvalho Mourão (Lisboa, 1894 – 1951), José Rebelo Bettencourt (S. Miguel/Açores, 1894 – Ponta Delgada, 1969), Mário Pacheco (?), Mário de Sá Carneiro (Lisboa, 1890 – Paris, 1916), Rolando de Viveiros (1882 – 1965).

No campo das artes, Alberto Augusto de Sousa (Lisboa, 1880 - 1961), Carlos Augusto Lister Franco, este já vinha da primeira hora e a quem se devem as capas do último número da 1ª série e o primeiro da 2ª série, Dórdio Gomes (Arraiolos, 1890 – Porto, 1976), Eduardo Gil Romero (1888-1939), Maria Alexandrina Pires Chaves Berger (Faro, 1892 – Carcavelos, 1979), Martinho da Fonseca (1890-1972); e dos escultores Diogo de Macedo (V. Nova de Gaia, 1889 – Lisboa, 1959), Maximiliano Alves (Lisboa, 1888 – 1954) e Raul Xavier (Macau, 1894 - ?, 1964).

Por último, convém acentuar que na filosofia de internacionalização que a *Alma Nova* tentou, a partir do final de 1916, tem que se pôr em destaque:

“a colaboração do poeta goês Paulino Dias (1874 – 1919), que assina com o pseudónimo “PRI TIDAS”, e que foi representante da revista na Índia; do poeta brasileiro, “orphista”, Ronald de Carvalho (1893-1935), que assumiu idênticas funções do outro lado do Atlântico; e do pintor brasileiro Mário Navarro da Costa (1883-1931), que, a partir de Dezembro de 1916, partilhou com Saavedra Machado a direcção artística da *Alma Nova*. Esta visibilidade que os autores brasileiros vão assumindo ao longo da II Série anunciava a aposta no intercâmbio luso-brasileiro que será um dos motes inspiradores da série seguinte, a terceira”<sup>(11)</sup>.

11 | Rita Correia, “*Alma Nova*. Revista Ilustrada (II Série)”, documento da Hemeroteca Digital, p. 4, é de justiça atestar que toda a informação sobre os colaboradores da *Alma Nova* foi retirada do documento digital acima citado. Sobre a *Alma Nova* ver, ainda, José Guerreiro Murta, “Evocação da *Alma Nova*”, *Correio do Sul*, nº 2193 de 25/2/1960, p. 4, 2194 de 3/3/1960, p. 2 e 2195 de 10/3/1960, p. 4 e José Brissos Cavalinhos, “Crítica e diferença na Primeira República Portuguesa: o exemplo da *Alma Nova*, 1914-1929”, *Revista da Biblioteca Nacional*, Série 2, Vol. 3, nº 2, Maio-Agosto 1988, este autor publica em Anexo um índice onomástico da colaboração literária e artística da *Alma Nova*, 5 séries, 1914-1929, pp. 89-99.

## O 1º Congresso Algarvio

No entanto, é ao regionalismo que queremos aqui dedicar alguma particular atenção, nessa ordem de ideias, vamos abordar, num primeiro momento, os acontecimentos à volta da preparação e realização do Primeiro Congresso Algarvio, isto é, na medida em que eles se foram refletindo na *Alma Nova*; e, num segundo momento, de um ponto de vista mais teórico, iremos analisar o texto de Mateus Moreno, que é uma preleção integrada no 1º Ciclo de Conferências Regionais da “Casa do Algarve”, *Os quatro pontos cardiais do regionalismo algarvio*.

Começemos, então, pela realização do 1º Congresso Algarvio, sabemos que a *Alma Nova* desde o seu nº 4, 1 de Janeiro de 1915, que se intitulava Revista Ilustrada de Propaganda Algarvia, Literatura, Ciência, Crítica e Artes, e, por esse motivo, não será de espantar que no nº 8 apareça um artigo, embora não assinado, intitulado: “Pelos interesses da Província. Um Congresso Regionalista Algarvio na Praia da Rocha”, aí se atestava que tudo estava “por estudar, conhecer, revolucionar, erguer à luz dos seus méritos, em o nosso belo e tão desprezado Algarve”<sup>(12)</sup>.

Continuava-se a referência ao concílio com uma menção a Jaime de Pádua Franco e Tomás Cabreira, aludia-se também à necessidade de fomento do turismo e de que era imperioso a congregação de todas as localidades algarvias, introdução que iria servir de mote para a enumeração dos temas do Congresso, convém a saber:

“portos e rios – irrigação – arborização de serras e dunas – estradas – utilização dos caminhos de ferro sob o ponto de vista do turismo e expansão das indústrias e culturas algarvias – climatologia – turismo e sanatórios – indústrias (sob o ponto de vista moderno) a criar e desenvolver no Algarve – o folk-lore algarvio: lendas, costumes e tradições – museu regional do Algarve (história e pré-história) – problema do crédito – estudo das culturas a desenvolver e adotar no Algarve”<sup>(13)</sup>.

No fascículo seguinte, depois de um estudo de Ferreira Neto sobre os aspetos económicos do Algarve, volta-se ao encontro explicitando os

---

12 | *Alma Nova*, nº 8, Maio de 1915, p. 1, col. 1.

13 | *Ibidem*, p. 2, col. 2.

objetivos da Comissão Executiva, de que Moreno faz parte, “congregar o maior número de inteligências para a discussão dos problemas a tratar no congresso”. Sendo, em seguida, enumerados os trabalhos já realizados pelos futuros congregados. Não se pode deixar de notar que Moreno e Jaime de Pádua Franco são dois dos secretários do encontro e Tomás Cabreira o Presidente<sup>(14)</sup>.

Não tendo tido acesso ao décimo número por se encontrar ausente na BNP, cremos que mais algumas “achegas” daí viriam, no entanto, podemos atestar que o seguinte, por sinal duplo, foi inteiramente dedicado ao evento. Fixemo-nos, agora, um pouco sobre este número especial.

O primeiro artigo, de Tomás Cabreira, intitulado “O Congresso Algarvio” faz um apanhado das intenções do encontro e deixa uma previsão para a realização do segundo concílio em 1918<sup>(15)</sup>. Além disso, aparece, também, a enumeração de todos os membros da Comissão Executiva do Congresso Regional Algarvio, a saber: Tomás Cabreira – Presidente; Jaime de Pádua Franco – Secretário-geral; Fernando da Silva David, Jacinto Parreira e Mateus Moreno – Secretários; Aboim Inglês, Agostinho Lúcio da Silva, Alberto Carrasco Guerra, Alberto Macieira, Aníbal Lúcio de Azevedo, António Júdice Magalhães Barros, J. Paula Nogueira, João Vasconcelos, José Francisco da Silva e José Parreira – Vogais<sup>(16)</sup>.

Também com algum interesse é o texto de Agostinho Lúcio, neste se tenta demonstrar que a doutrina regionalista poderá constituir um antídoto contra o indiferentismo que mina a sociedade portuguesa. Por sua vez, João Cabeça tenta ressaltar as potencialidades agrícolas algarvias, assunto que estará presente na exposição de produtos agrícolas e, ainda, no artigo de Eduardo Matos que faz um panorama agrícola do Algarve, sem se esquecer das potencialidades industriais e comerciais.

Por sua vez, na peça de Bentes Castel-Branco aborda-se a incompetência nacional fomentada pela falta de espírito de justiça, conclui-se com a

14 | *Ibidem*, nº 9, Junho de 1915, p. 3, col. 1.

15 | Sabemos que o segundo Congresso Regional Algarvio apenas irá decorrer 36 anos depois desta data, em 1951 e em Lisboa, talvez a querer dizer que o “tempo dos regionalismos” ficou adormecido durante o Estado Novo. No entanto, na *Alma Nova*, um tempo após o Congresso ainda se publicava o seguinte texto: “A comissão executiva deste Congresso, em conformidade com o exarado no seu Regulamento e com o voto expresso na sessão de encerramento, continua em exercício, reunindo-se de 15 em 15 dias (às 6ª feiras), na *Sociedade Propaganda de Portugal*, procurando agora, pôr na prática as resoluções tomadas no Congresso referido, devendo dar conta dos seus trabalhos no futuro Congresso de 1918, a realizar em Faro”, *Alma Nova*, nº 13, Dezembro de 1915, p. 15. Convém, aqui, destacar que a Sociedade Propaganda de Portugal também teve algum peso na realização do Congresso, como se pode constatar nas páginas da primeira série do citado periódico.

16 | Cf. *Alma Nova*, nº 11-12, Setembro de 1915, p. 2, col. 2.

esperança de que o Congresso Regional Algarvio possa ter algum papel no ressurgimento nacional.

De destacar, na mesma ordem de ideias, é o artigo do Major Braz de Campos que aborda a importância da prática da educação física, relevância que é não só físico-moral mas, ainda, social, terminando com uma pequena exposição acerca da escola de educação física de Tavira, a única da região.

Se excetuarmos o texto de António Cabreira que se debruça sobre as duas faculdades, sentimento e raciocínio, e a necessidade de estarem, no ser humano, em equilíbrio, artigo que, diríamos nós, quase roça a filosofia, apenas há que ter em conta a peça de Julião Quintinha intitulada “Artistas e paisagens algarvias”.

Nesse articulado, refere as paisagens e vários artistas algarvios, nomeadamente, João de Deus, Coelho de Carvalho, Teixeira Gomes, Júlio Dantas, João Lúcio, Bernardo de Passos e Cândido Guerreiro, refere, também, Carlos Lyster Franco e Falcão Trigo que, embora não sendo algarvios, viveram no Algarve e termina com Guerreiro da Costa e Militão. As menções são usadas para criticar o facto do inquérito literário de Boavida Portugal não fazer menção ao Algarve e aos seus artistas.

No exemplar oitavo, já citado, aparece, também, uma referência ao Centro Algarvio em Lisboa, sugestão que vai, depois, concretizar-se nos Estatutos da Associação “Amigos do Algarve”, da qual a *Alma Nova* se constituirá em órgão<sup>(17)</sup>, pensamos tratar-se, aqui, do embrião da futura Casa do Algarve que se proporá em 30 de Janeiro de 1930, terá aprovação a 26 de Fevereiro e será inaugurada a 8 de Março do mesmo ano, com sede na Rua do Alecrim, nº 46 – 1º, da qual Mateus Moreno foi, durante muito tempo, Presidente<sup>(18)</sup>.

Segundo Joaquim António Nunes as finalidades da agremiação seriam:

“procurar a união de todos os algarvios, no mesmo culto pela defesa do progresso intelectual, moral e material do Algarve, nas suas diversas manifestações e atividades, contribuindo assim para o engrandecimento da Nação; promover a valorização e propaganda das belezas naturais e condições climáticas da referida Província, que fazem com que ela seja uma excelente

17 | Vd. *Alma Nova*, nº 11-12, Setembro de 1915, verso da capa. Aparecendo, ainda, um outro artigo onde se explicita que a Sociedade “Amigos do Algarve” se irá concretizar em Faro e terá como propósito expandir-se por todo o Algarve, concretizando-se como “laboratório de ideias de todo o engrandecimento deste cantinho sul”, *Ibidem*, nº 11-12, p. 1, col. 2.

18 | Para mais informações consultar, Aurélio Nunes Cabrita, “Esboço da história da Casa do Algarve em Lisboa”, *Barlavento online*, 13 de Julho de 2005.



estação de turismo; organizar congressos, exposições, sessões solenes, conferências, cursos e outras manifestações, não só de carácter regional algarvio mas também de interesse nacional; organizar o censo dos algarvios residentes em Lisboa, de forma a estabelecer-se uma maior cooperação e auxílio mútuo, não só entre todos os elementos da colónia mas ainda entre estes e os residentes na província ou em quaisquer pontos do País, ilhas e estrangeiro; manter um escritório de informação, em Lisboa, apto a prestar quaisquer esclarecimentos sobre a Província ou sobre as várias colónias de algarvios no Ultramar ou países estrangeiros; publicar, quando possível, um boletim regional de propaganda e doutrina, em que sejam insertas todas as conferências promovidas pela agremiação, movimento social, bibliografia, estatísticas, etc.; instituir cursos de educação física e quaisquer outros considerados úteis e necessários para os sócios e seus filhos; estabelecer relações de cooperação com associações regionais das restantes províncias; representar o Algarve junto do poder central; promover medidas de amparo e assistência dos algarvios no abandono, desemprego, doença, invalidez ou velhice<sup>(19)</sup>.

E dentro do espírito da ditadura nacional, iniciada a 28 de Maio de 1926, e do Estado Novo em formação, alvitava-se que a Casa do Algarve, desde a sua constituição, se afirmava alheia a questões de carácter político ou religioso, sendo-lhe absolutamente vedado intervir em quaisquer manifestações desta natureza<sup>(20)</sup>.

Porém, intencionar a defesa do progresso intelectual, moral e material, clima e beleza natural, organização de encontros, censos, cooperação e auxílio mútuo em matérias concernentes a abandono, desemprego, doença, invalidez e velhice, informações sobre a Província, publicação de boletim regional de propaganda e doutrina, onde seriam inseridos conferências, congressos, estatísticas, etc., cursos de educação física, cooperação com outras entidades regionais, representação do Algarve junto do poder central, esta, ainda para mais, sendo, como vimos, a Casa do Algarve “alheia a questões políticas”, não pode passar sem uma palavrinha ou duas.

De facto, tão grande catálogo de objetivos não poderia, naquele momento e mesmo hoje em dia, ser passível de levar à prática, pois ele engloba um conjunto de direitos e atividades, alguns do domínio do Estado,

---

19 | Joaquim António Nunes, *Regionalismo, Cultura e Turismo: Síntese Histórica da Casa do Algarve, Lisboa, Casa do Algarve*, 1989, pp. 21-22.

20 | Vd. *Idem, Ibidem*, p. 22.

que desejamos, nos dias que correm, conservar ou obter. Por esse motivo, Nunes não faz menção a qualquer atividade da Casa do Algarve para este período, se excetuarmos “as festas da Casa do Algarve” e “os bailes da Rua do Alecrim”<sup>(21)</sup>, a que nós podemos juntar a conferência de Mateus Moreno que trataremos infra e outra, que ele assinala, a do Almirante José Francisco da Silva sobre assunto que omite.

Não queríamos, de modo nenhum, subtrairmo-nos a deixar uma nota sobre o artigo de Ataíde de Oliveira “O folk-lore algarvio. A zorra berradeira”, onde se destaca mais uma das lendas de mouras encantadas, lendas que vinham a ser publicadas desde, pelo menos, o número 8, com uma peça sobre Santo António da Arenilha.

Por último, há que destacar que, além da publicação de algumas gravuras de paisagens do Algarve e alguns poemas alusivos, se dá à estampa um conjunto de fotografias muito significativo que abarca todos, ou quase todos, os elementos da organização do Congresso e, para ficar registado, aqui se elencam: Tomás Cabreira, Jaime de Pádua Franco, Mateus Moreno, Fernando da Silva David<sup>(22)</sup>, António Júdice Magalhães Barros (também é representada a fábrica e o iate), Jacinto Parreira, Rodrigues Davim, Judite de Lima (soprano que se encontra a atuar no Casino da Praia da Rocha), Agostinho Lúcio da Silva, José Parreira, João de Melo Falcão Trigoso (diretor da escola de desenho industrial de Lagos), Alfredo de Mascarenhas (barítono algarvio), António Teixeira Bicker (presidente honorário da exposição regional de produtos algarvios), Oliveira Passos (presidente da comissão delegada em Lisboa da comissão executiva da exposição), Mário Pais da Cunha Fortes (delegado agrícola no Algarve e secretário da exposição), Carlos Lyster Franco, João B. Cabeça, Major José F. da Rosa e J. Bentes Castel-Branco.

Uma última palavra para a capa da revista da autoria de Lyster Franco, nesta surgem representados, segundo as palavras do autor,

21 | *Idem, Ibidem*, p. 22 e 23. Talvez por esse motivo Mateus Moreno vai certificar que “é indispensável cesse a lenda de se pensar que esta «Casa» é um mero clube de reuniões dançantes. Se é também, realmente, a sua simpática missão, revelar às senhoras algarvias, ou aquelas que pretendem vir a sê-lo, os algarvios de Lisboa, e vice-versa, aproximá-los e uni-los...”, enfim, nos rodopios do *one-step*, do corridinho ou da valsa, não nos devemos, porém, esquecer de que uma tal missão é meramente acessória, adentro do seu verdadeiro programa regionalista, que é um programa essencialmente político-económico”, Mateus Moreno, *Os quatro pontos cardiais do regionalismo algarvio*, separata do nº 1 do “Boletim da Casa do Algarve” e da “Página do Algarve” do *Diário da Manhã*, Lisboa, 1934, p. 11.

22 | David redige uma carta ao diretor na qual se classifica de admirador do Algarve, embora não seja natural da província, a declinar o convite para fazer parte dos redatores desta edição especial, mas onde não deixa de dar alguns alvires da sua lavra, *Alma Nova*, nº 11-12, Setembro de 1915, p. 7.

“uma árvore de tronco rugoso, [de onde] brotam rebentos – a alma nova – cujas letras de fantasia pairam numa atmosfera de luz irradiante do belo sol algarvio, que desponta por detrás dos penhascos da costa. O retrato do imortal poeta João de Deus, ladeado de palmas, a sua casa, em Messines e vários trechos das principais cidades do Algarve, dos seus monumentos e paisagens, dominam a composição, à esquerda da qual, servindo de troféu ao antigo escudo do Algarve, com a esfera armilar, esquartelado, de campos alternos, em vermelho e prata, tendo naqueles uma cabeça de mouro, com turbante, e nestes uma cabeça de castelã com diadema, ostentam-se os balsões árabes. Em baixo, emoldurando os dizeres *revista de Propaganda do Algarve*, destacam-se vários apetrechos marítimos e um enorme grifo sustentando um escudo com o retrato de Afonso III”<sup>(23)</sup>.

Embora escritos já depois da realização do Congresso, não podíamos deixar de dar acolhimento a dois artigos que se encontram já na 2ª série da *Alma Nova*, estão nesse caso, Gonçalo de Oliveaes, “A propósito do Congresso Algarvio. A organização regional e o nosso parlamentarismo”<sup>(24)</sup> e J. Paula Nogueira, “O Congresso Algarvio”<sup>(25)</sup>.

O primeiro autor começa por ponderar aquilo que para ele representa o Congresso Regional algarvio num país que atravessa um período crítico de incertezas e desorientações. Ainda na perspetiva de Oliveaes, o que é necessário é que se criem interesses mais sólidos que os interesses políticos, que tem conduzido a nação à ruína, criando uma verdadeira “representação nacional”. A tarefa de congregar esses interesses e torná-los vivos é a missão dos Congressos regionais e do Congresso Regional do Algarve em particular, daí a sua importância para estes tempos conturbados.

O segundo texto começa por criticar aqueles que consideram o Congresso Regional do Algarve sem qualquer utilidade prática. Nessa ordem de ideias, vai asseverar que no colóquio foram tratados todos os temas essenciais que dizem respeito à província mais a Sul de Portugal, enumerando-os: agricultura, indústria, comércio, transportes terrestres e marítimos, higiene, beneficiência, história, arte, lendas e tradições, as quais

23 | *Ibidem*, nº 11-12, Dezembro de 1915, p. 14, a capa é reproduzida também no número seguinte, sendo depois substituída pelas da lavra de Saavedra Machado.

24 | *Alma Nova*, nº 13, Dezembro de 1915, p. 1.

25 | *Ibidem*, pp. 10-11.

considera “as manifestações da atividade material e anímica de um povo”<sup>(26)</sup>. Por outro lado, realça o facto de ter sido o Algarve a primeira região do país a efetivar a realização de um Congresso Regional, fazendo votos para que outras regiões sigam essa senda com a esperança, messiânica e nacionalista, de que só dessa forma se poderá fazer progredir a nação.

## *Os quatro pontos cardiais do regionalismo algarvio*

Resta-nos, pois, para concluir o plano deste estudo, fazer uma análise do texto de Mateus Moreno que foi a palestra proferida no 1º ciclo de Conferências regionais da “Casa do Algarve”, em 5 de Abril de 1930, quer isto dizer que menos de um mês depois da inauguração oficial da citada Casa regional.

Como é evidente, o texto começa por tratar, em separado, aqueles que considera os quatro pontos cardeais do regionalismo algarvio, a saber, a união de todos os algarvios, para a qual a citada “Casa do Algarve” servia de sede da diáspora na capital; a luta comum pela utilização e desenvolvimento das possibilidades máximas do Algarve; a política económica que engloba a agricultura, a pesca, a instrução e propaganda do Algarve; e, por fim, o turismo, que, como veremos, engloba não só as praias e o paraíso idílico em que estão inseridas as Caldas de Monchique, como também a cultura e a história, algo que, hoje, passados muitos anos, ainda tentamos implementar.

Moreno começa, logo, por definir o assunto que vai tratar e a forma como o vai efetuar, confessando que vai “precisar as principais normas diretivas, a orientação-base, os quatro pontos cardeais, enfim, em que é necessário assentarmos, para estudar e desenvolver os problemas essenciais do regionalismo algarvio”<sup>(27)</sup>.

No entanto, antes de entrar no cerne da questão vai tecer algumas considerações acerca da necessidade da instituição e de um “plano geral de valorização do Algarve”, numa linha de raciocínio que passa pelo

---

26 | *Ibidem*, nº 13, p. 11, col. 1.

27 | Mateus Moreno, *Os quatro pontos cardiais do regionalismo algarvio*, p. 5.

desenvolvimento destas casas relativas a cada região do país. Sítios onde se pudessem expôr os produtos, arte, comércio, indústria e cultura de modo a ligar cada indivíduo à sua origem e, por outro lado, dar a conhecer aos “nativos” tudo o que dizia respeito a cada região, discurso que elabora apoiando-se em artigo recente do *Século* da autoria de Samuel Maia.

Outra questão prévia significativa é a que se prende com as características do regionalismo. Segundo Moreno, o processo do regionalismo não tende nem a dissociar valores nem a reivindicar lutas separatistas, porque a verdadeira essência do regionalismo é fundamentalmente nacionalista. Isso vai levá-lo a asseverar que “os povos que sempre mais regionalistas foram, que sempre mais entranhadamente amaram o cantinho da pátria que os viu nascer, ou onde nasceram os seus antepassados, foram também sempre aqueles que mais assinalados serviços de altivez e de glória de si deixaram”<sup>(28)</sup>.

Ainda como preâmbulo da sua intervenção, o oficial de artilharia vai dizer à pureza que esta é uma problemática que há muito vem ocupando a sua mente, de onde lhe advém autoridade para afirmar as suas teses sobre o regionalismo, passando em claro esta falácia, vulgarmente conhecida por “argumento ou falácia de autoridade”. A que, em seguida, se junta um axioma, este estabelece que para a efetivação de qualquer empreitada o fundamental é estabelecer um plano metódico ou uma estratégia, e apelando em sua defesa o exemplo do Marechal Ferdinand Foch (1851-1929), assevera que “a vitória regionalista da «Casa do Algarve» não podia deixar de ser, por seu turno, fundamentada numa alta conceção estratégica das

---

28 | *Idem, Ibidem*, p. 8. Moreno pode falar aqui com a autoridade de quem batalhou nos campos da Flandres durante a 1ª Guerra Mundial integrado nas colunas do C.E.P. Em relação à questão do regionalismo e a sua relação com o nacionalismo, veja-se, ainda, a pergunta do inquérito que vem em Apêndice e que reza desta forma: “Considera-o [o regionalismo] uma coordenação de atividades úteis ao rebustecimento geral da Nação, ou antes uma dispersão das energias que devem conduzir ao fim nacionalista?”, a que o inquirido, João Viegas Paula Nogueira, presidente em exercício da direção da “Casa do Algarve”, responde da seguinte maneira: “o múltiplo movimento regionalista, que ora felizmente se concretiza, entre nós, longe de dispersar energias e enfraquecer, portanto, o valor total do esforço da população portuguesa, deve antes ser considerado como um poderoso somatório de forças convergentes para o engrandecimento nacional. É a tradução prática do conhecido lema: «todos por um e um por todos». O nacionalismo português não tem, pois, que arreçar-se da expansão que vem tomando o tradicional regionalismo da nossa gente provinciana. A unidade nacional torna-se ainda mais evidente no simples facto de cada uma das nossas «regiões» profiar em ter na capital a sua «Casa», o seu «Grémio» regional, como filhos que somos todos da mesma Mãe, a Pátria comum e bem-amada”, *Idem, Ibidem*, p. 28. Esta não era certamente uma questão menor nos anos em que o Estado Novo se vinha a consolidar e, certamente, não seria do agrado do poder central manifestações regionalistas “demasiado exacerbadas” tanto que, como implicitamente admite Guerreiro Murta, o regionalismo produziu nesses anos, essencialmente, pousadas e ranchos folclóricos, ou seja, o tipo de efeito que o salazarismo poderia tolerar.

operações do regionalismo a executar”<sup>(29)</sup>.

Entramos, deste modo, no primeiro princípio essencial do regionalismo algarvio: “a mais sólida união de todos os comprovicianos e bons amigos da província”<sup>(30)</sup>, sendo que esta congregação de esforços é básica e fundamental para a consecução dos objetivos da agremiação regional que, no entanto, tem de ser aglutinada à volta da dimensão económica, que o militar considerava a característica marcante de toda a vida social.

O segundo ponto cardeal é aquele que é exposto da forma mais sucinta e, quase estávamos tentados a dizer, económica, pois é definido em poucas linhas e de forma um pouco lacónica, ou seja, “a luta comum pela utilização e desenvolvimento das possibilidades máximas do Algarve”<sup>(31)</sup>. A isto apenas ajunta que o como e onde é tarefa dos estrategas e técnicos, o que para quem admitiu previamente a “autoridade” para falar de um assunto que largamente havia meditado é, sinceramente, muito pouco.

O terceiro ponto cardeal, ao invés, é aquele que é mais demoradamente escaupelizado, nas suas vertentes agrícolas, piscatórias e educacionais. No entanto, antes de entrar no assunto propriamente dito, o militar do C.E.P. na tentativa de caracterizar as necessidades algarvias, socorrendo-se da obra *O Algarve Económico* de Tomás Cabreira, chega ao seguinte corolário: “água em abundância, capital barato, instrução técnica ao alcance de todos e um comércio ilustrado e empreendedor, que conheça as necessidades e os gostos dos mercados que possam consumir produtos algarvios, e que seja capaz de os satisfazer”<sup>(32)</sup>.

Entrando, com propriedade, na questão agrícola, agora com o auxílio de Sebastião da Costa, define as duas prioridades fundamentais por ordem de importância: por um lado, a criação de mais dois postos agrícolas de experiência e consulta, sendo que um deles deve ter técnico e laboratório que dê serventia a investigações fitopatológicas, indicando mesmo a sua localização, este em Faro e aquele em Lagos, a que se juntam os dois já existentes. Tudo isto porque Moreno partilha da opinião do seu guia que considera “o ataque às doenças das nossas árvores e plantas o mais grave problema da agricultura algarvia”<sup>(33)</sup>. Por outro lado, o aproveitamento de águas correntes por meio de represas e barragens, o que poderia solucionar os défices

---

29 | *Idem, Ibidem*, p. 9.

30 | *Idem, Ibidem*, p. 11.

31 | *Idem, Ibidem*, p. 12.

32 | *Idem, Ibidem*, p. 14.

33 | *Idem, Ibidem*, p. 15.

de irrigação e energia, a que se juntaria a demanda de águas artesianas.

No que se refere à valorização dos produtos algarvios, Sebastião da Costa também propõe duas medidas: 1 - uma investigação encomendada no estrangeiro, paga pelos interessados e pelo Estado, para descobrir a melhor forma de tratar os produtos agrícolas algarvios, em especial o figo, de modo a poder competir no mercado nacional e internacional; 2 - propagandear entre os produtores e exportadores as metodologias mais atuais através de palestras por todo o Algarve, feitas por especialistas competentes, as quais se complementariam com a divulgação de folhetos baratos dirigidos aos agricultores. Não faltando, por último, a recomendação, salientando as condições excepcionais do Algarve, do desenvolvimento da apicultura, de modo a obter-se produção significativa e capacidade para competir nos mercados estrangeiros.

Em relação à atividade piscatória, que Moreno ruma se não será mais importante que a anterior, as providências, ainda com a colaboração do citado Comandante Sebastião da Costa, também vêm aos pares: primeiramente, a criação de um posto em Olhão, segundo ele o mais importante porto de pesca algarvio, de investigação biológica da fauna ictiológica da costa algarvia, onde houvesse um licenciado em biologia e um ajudante. Para esta empresa, além do subsídio estatal, seria importante uma derrama de todas as Câmaras Municipais do Algarve e a possibilidade de o biólogo poder fazer o seu estudo nas canhoeriras de fiscalização. Seguidamente, um estudo exaustivo da ria, ou seja, uma investigação sobre a fauna e flora dessa laguna, como medida complementar ao estudo marítimo.

Finalmente, os problemas educacionais que Moreno considera “a base de toda a evolução social e económica de um povo”<sup>(34)</sup>. O autor, de forma um pouco incipiente, partindo do pressuposto da grandeza cultural e intelectual do Algarve, em tempo de Turdetanos, Romanos e Mouros, enceta uma tentativa de renovar a instrução na província como único meio de recuperar a aludida civilização superior.

Por fim, o quarto ponto cardeal do regionalismo algarvio: a indústria do turismo. O oficial de artilharia começa logo por diagnosticar as necessidades primárias: bons hotéis, estradas e meios de transporte. De seguida, evoca os locais que seriam passíveis de visitantes, em primeiro lugar, a Praia da Rocha, símbolo das praias algarvias; seguidamente, as Caldas de Monchique, sendo esta de “águas verdadeiramente milagrosas”, além disso,

---

34 | *Idem, Ibidem*, p. 19.

“um dos retiros mais belos, de paisagens mais paradisíacas e mais arrebatadores panoramas, que existe no país”<sup>(35)</sup>, embora votada a uma incúria que, de certa forma, é um travão ao fomento do turismo. Em terceiro lugar, o turismo cultural, ou seja, a visita a monumentos, obras de arte e sítios de significado histórico.

Não posso deixar de constatar que Mateus Moreno já entrevia a possibilidade de exploração turística do património, algo que, ainda hoje, nos esforçamos por divulgar e para o qual os nossos operadores turísticos ainda não olham de forma séria e profissional. Por último, mas não menos importante, o clima do Algarve que Geraldino Brites considera “uma estação de inverno por excelência (sem deixar de sê-lo também de verão) atribuindo-lhe «uma uniformidade térmica superior a Málaga e à Riviera francesa»”<sup>(36)</sup>.

O folheto apresenta, ainda, um Apêndice dividido em duas partes, uma consiste num inquérito sobre regionalismo que tinha como objetivo completar aquele que o Conselho Superior Regional da “Casa do Algarve” tinha mandado efetuar, tendo em vista as “possibilidades da respetiva província e as necessidades principais da vida da sua população”<sup>(37)</sup>. O entrevistado é o presidente da “Casa do Algarve”, João Viegas Paula Nogueira, e, de facto, pouco acrescenta à perspetiva regionalista.

Em relação ao outro, respeita à vida económica e salienta, apenas, o crescimento da população algarvia. Segundo os dados do militar, a população algarvia, entre 1422 e 1527, terá tido um incremento de 42,4% enquanto a média nacional foi de 12,6%, embora no período de 1527 a 1821 isso não se verifique, o autor adianta que pelo facto de a região ter sido alvo “permanentemente de invasões e terremotos”<sup>(38)</sup>.

No entanto, segundo os dados de Tomás Cabreira, o aumento demográfico no Algarve, entre 1835 e 1911, foi de 159%, correspondente a uma média anual de 2,09%, enquanto no resto do país se ficou pelos 81,1%, o que dá uma média anual de 1,06%. Tudo isto lhe permite concluir que “a população algarvia tem um poder de expansão muito superior ao da média da população portuguesa”<sup>(39)</sup>, o que se reflete no desenvolvimento do comércio e da indústria para o período referido. Termina apresentando os dados do último recenseamento para o distrito de Faro, 31 de Dezembro de 1930,

---

35 | *Idem, Ibidem*, p. 21.

36 | *Idem, Ibidem*, p. 22.

37 | *Idem, Ibidem*, p. 26.

38 | *Idem, Ibidem*, p. 23.

39 | *Idem, Ibidem*, p. 24.



onde se constata que a população total é de 300.762 habitantes, com um aumento na última década de 32.468 habitantes, aumento superior a 10% do total da população.

Não queríamos terminar esta exposição sem fazer referência aos três postulados que, a par de alguma publicidade a produtos e serviços algarvios, acompanham este estudo de Mateus Moreno. Rezam deste modo: “se se orgulha de ser algarvio inscreva-se hoje mesmo como sócio da «casa» representativa da sua província em Lisboa”<sup>(40)</sup>; “afirmar o Algarve em todos os campos de ação é combater a lenda da indolência algarvia”<sup>(41)</sup>; “ser bom algarvio é promover o desenvolvimento das fontes económicas da sua província”<sup>(42)</sup>.

---

40 | *Idem, Ibidem*, p. 10.

41 | *Idem, Ibidem*, p. 16.

42 | *Idem, Ibidem*, p. 18.